

Brasil deverá ter investidores de novo perfil

por **Maria Cristina Carvalho**
de Londres

Um investidor de novo perfil deverá procurar o mercado de ações brasileiro a partir do próximo ano, acredita Stephen Rose, o vigoroso "chairman" da Stephen Rose and Partners Limited, empresa de consultoria que assessora grandes investidores institucionais em suas aplicações no Brasil, estimadas em US\$ 400 milhões.

Esse novo investidor é aquele mais conservador, que estava esperando os resultados das eleições, e poderá ainda aguardar as primeiras atitudes do novo presidente para entrar no mercado brasileiro.

Rose tem certeza de que a nova onda envolverá volumes muito maiores de dinheiro e de que preço não é problema para esse novo investidor, mais preocupado com os resultados de longo prazo. O fim da era do "smart money" no mercado de ações brasileiro é, para Rose, consequência natural das eleições e da continuidade do plano de estabilização da economia.

Ele não desarta, porém, uma realização de lucro de curto prazo. O aumento do fluxo de capital externo para as bolsas brasileiras coloca

um problema para ele, que desde 1978 acompanha o mercado e fala com desenvoltura dos problemas econômicos: a falta de ações. "As ações de segunda linha têm pouca liquidez. É difícil achar um bom lote de Lojas Americanas, por exemplo. Quem tem o papel não solta. Na primeira linha e entre as ações de empresas recentemente privatizadas esse problema já não existe."

Outra questão que vai ser colocada no futuro é o não direito de voto das ações preferenciais e os dividendos reduzidos que normalmente são pagos. "Até agora o investidor estrangeiro se preocupou com valorização. Mas esses problemas vão aparecer no futuro", disse.

Fiona Tchen, responsável pelos investimentos no Brasil de recursos da ordem de US\$ 450 milhões que a Foreign Colonial Emerging Markets administra, pondera, porém, que vem observando um nível crescente de administração profissional nas empresas brasileiras. Mas a analista considera uma dificuldade para quem acompanha o mercado brasileiro a ausência de um índice de preços de ações que reflita fielmente o comportamento da segunda linha.